"CELTAS" NA BARCA: BRUMAS, IMAGINAÇÕES DA CULTURA E MEMÓRIA DE REGRESSOS

por

António Medeiros*

Resumo: Neste texto misturo memórias pessoais antigas e com os resultados da observação de várias edições de um festival de "música celta" num concelho do Minho (noroeste de Portugal). Pretendo dar conta de transformações os modos de imaginar a cultura num contexto municipal e, mais amplamente, no contexto regional. Destaco o papel dos intelectuais local nestas mudanças, ultimamente sobretudo favorecidas pelo processo de europeização corrente.

Palavras-chave: Imaginação; Intelectuais; Minho; Zona de contacto; Europeização.

Abstract: In this text I mix old personal memories and the results of observing several editions of a "Celtic music" festival in a municipality in Minho (northwest of Portugal). I intend to account for transformations in the ways of imagining culture in a municipal context and, more broadly, in the regional context. I highlight the role of local intellectuals in these changes, lately mainly favored by the current Europeanization process.

Keywords: Imagination; Intellectuals; Minho; Contact zone; Europeanisation.

Para o doutor Jaime Ferreri

O vale do Lima é muito húmido por alturas da vila de Ponte da Barca, onde perto confluem rios e as águas correntes são muitas; mais a montante há grandes lagos, criados no século XX pela construção de barragens. Por isso, as névoas são frequentes ali e também podem cair chuvas ligeiras ou orvalhadas fortes de madrugada, mesmo no pico do Verão. Desde 2008, que se faz na Barca o Festival Folk-Celta¹, e quem conheça a

^{*} CEI-IUL/ISCTE-IUL. Email: antonio.medeiros@iscte-iul.pt.

¹ Assisti ao Festival Folk-Celta de Ponte da Barca — o nome oficial — e à sua preparação entre 2012 e 2015, e ainda em 2017, quando se comemorou o 10.º aniversário com um programa mais alargado (Medeiros, 2022; texto onde procedo a uma aproximação extensa, mais etnográfica, do Festival e da Feira Alternativa, que se faz em paralelo).

frequência com que águas e as brumas surgem na literatura e na iconografia celtófilas não deixará de pensar que os concertos encontraram um lugar ajustado. Em várias ocasiões, desde 2012, vi a névoa subir do rio, correr o Choupal do Côrro e entrar silenciosa no "antigo campo da Nucha", tornando mais tipicamente "celtas" a noite e as performances lá propostas.

As paragens muito verdes e húmidas da beira-Lima têm há muito notoriedade como paisagem literária, entronca-a a cultura clássica em primeiro lugar. O Lima teria sido julgado o Lete (ou *Lethes*), o mítico "rio do esquecimento", pelos soldados romanos que invadiam a Galaecia no século II a.C., comandados pelo cônsul Décio Júnio Bruto. Esta é uma lenda muitas vezes aproximada por literatos minhotos e galegos, sobretudo por estes últimos, que a usam para fazer glosas acerca identidade nacional da Galiza, em que celtas" cabem, muito eventualmente.

A lenda do Lete conta que, face ao rio Lima, os invasores vindos do Sul teriam temido esquecer a pátria se o atravessassem. Temiam os soldados passar para os Campos Elísios, um lugar efabulado de de abundâncias e de suspensão das contingências da história. Como metáfora, o atravessamento do "rio do esquecimento" pode ajudar-nos a pensar as iniciativas celtófilas da Barca. Aqui, como nas Astúrias — Fernandez, 2000 a reivindicação dos celtas e da cultura celta surgem como formas de "orientar-se ao norte" no "terreno figurativo da vida cultural". E na Barca dos dias de festival — com um pouco de imaginação poética e na companhia da lenda do Lete — os Campos Elísios podem ser figurados já na margem ao sul do Lima.

SUBIDA AO JARDIM DOS POETAS

O Campo da Nucha situa-se muito perto da confluência de um curso de água pequeno, o Vade, com o Lima, rio nascido na Galiza, caudaloso e de grande nomeada lendária e poética, muito glosadas. Um pouco mais abaixo do lugar onde o festival se faz, ainda outro afluente vem entroncar no Lima, o rio Vez, um encontro de águas muito celebrado, consagrado pelo poeta Diogo Bernardes (ca. 1530 - ca. 1605) numa das suas éclogas mais conhecidas e belas. Quem se afaste do Choupal do Côrro em direcção à vila, logo a montante da ponte, encontra o Jardim dos Poetas, onde se evocam o mesmo Diogo Bernardes e seu irmão frei Agostinho da Cruz, ambos poetas afamados, naturais da Barca.

O Jardim dos Poetas é um espaço rectangular ajardinado, sobreposto ao Lima, com arranjos feitos em diferentes épocas e muito monumentalizado. Ali — ou a muito poucos metros — entrosam-se várias das representações mais significativas da história e da cultura da Barca, que foram, sobretudo, vinculadas por influência dos trabalhos do historiador Avelino de Jesus Costa (1928-2000)². Mas no Jardim dos Poetas, para além das objectificações da cultura mais antigas, também já se encontra um bar de nome "Belião", onde, ao balcão, me disseram ser aquele "o nome celta do Lima". A alegação foi mais tarde rebatida por alguém com maiores créditos de erudito a seu favor, com argumentos elaborados que eu não pude acompanhar completamente por não ser filólogo.

De qualquer modo, creio que o nome "celta" que o bar ostenta, e os consumos que ali se podem fazer, podem ser tomados como signos dos novos "fluxos de cultura" — Eriksen, 2003 — que têm desaguado na Barca recentemente. Apropriando um conceito fecundo de Marie Louise Pratt, "zona de contacto", podemos pensar no Jardim dos Poetas — ou no Festival e na Feira Alternativa, ou até no conjunto das actividades celtófilas lançadas na vila — como espaços de "transculturação" (Pratt, 1991; tb. Clifford, 1997 e Lomnitz, 2016), onde elementos novos trazem transformações a representações da cultura mais estabelecidas, objectificadas em diversos momentos do passado.

Aqui, quero falar sobretudo de transformações da cultura local, e de quem as têm protagonizado em Ponte da Barca nas décadas recentes. Protagonistas que podemos perceber como "empreendedores culturais" (Eriksen, 2003), que apropriam novas referências de circulação cosmopolita e reelaboram representações da cultura local. Importa notar, que as dimensões da agência individual na produção de representações da cultura são contornadas habitualmente pelos antropólogos, por razões bem conhecidas (Boyer & Lomnitz, 2005). Mas, como sugerem Dominic Boyer e Claudio Lomnitz, vale a pena fazer uma "antropologia de intelectuais" — que definem como prática "preocupada com actores sociais que se especializam na produção e na gestão de conhecimento social" — se quisermos perceber melhor como procedem as dinâmicas de transformação cultural em determinadas circunstâncias.

Apesar das dificuldades correntes, parecem ser duradoras e receber respaldo da vereação agora incumbente as celebrações da "cultura celta" lançadas em Ponte da Barca desde o início deste século. Estas foram sobretudo o resultado da imaginação criadora e da iniciativa de pessoas que ali conheci, em contactos reiterados durante anos, e com cujos textos e intervenções públicas me familiarizei. A saber: Fátima Lobo, psicóloga e professora universitária; Jaime Ferreri; e Manuel Joaquim Pereira, fiscalista e político. Eram intelectuais — a qualquer título (Gramsci, 2000) — estes empreendedores

² O "doutor Avelino", como é invocado mais habitualmente, foi um padre católico, medievalista importante, professor da Universidade de Coimbra, e o mais destacado e influente intelectual barquense da segunda metade do século XX (ver Município de Ponte da Barca 2009, uma colectânea extensa de suas colaborações na imprensa local).

barquenses. Por vários meios, cheguei a familiarizar-me com as suas ideias a respeito da "cultura celta" e da "música celta", e das vias de desenvolvimentos que acreditava estarem a abrir na sua terra3.

NEVOEIRO

Em Novembro de 2014, ouvi o então presidente da Câmara Municipal dizer que a EDP — agora Energias de Portugal — só tinha trazido ao concelho "nevoeiro", uma sua queixa recorrente. O autarca falava das alterações microclimáticas trazidas pela construção de grandes barragens no Lima, em primeiro lugar, mas sobretudo denunciava a postura — julgada arrogante — da grande empresa que as explora. Pesem todos os agravos, com alguma ironia, podemos pensar que a multiplicação das brumas tem favorecido a formação de uma paisagem "céltica" modelar no concelho. Ajustam-se também as brumas — pelo menos em termos cenográficos — a alguma das vertentes de desenvolvimento municipal apostadas na Barca ultimamente onde avultam, entre outras, o "turismo cultural" e "de montanha", de "natureza", ou dos "desportos radicais", e que também valorizam a inserção no Parque Nacional da Peneda Gerês — e na mais ampla Reserva da Biosfera Transfronteiriça Gerês-Xurês — da maior parte do território concelhio.

Hoje em dia, os turistas podem chegar à Barca em pouco tempo, vindo das cidades maiores do norte de Portugal e da Galiza, dispostos àquelas práticas turísticas. Chegam a um concelho onde a população já só se cifra em 11049 habitantes e está muito envelhecida, segundo os últimos dados do INE4. Nos planos de desenvolvimento e nos debates políticos locais que encontrei documentados é patente a consciência aguda destes constrangimentos. Patente também que se tem buscado respostas situadas para transformações sociais e económicas contemporâneas que, afinal, são de escala global (De Voldere et al., 2017; Yúdice, 2003), modos de fazer "glocalização inovativa" (Eriksen, 2003: 225), como contrapartidas à falência da agricultura tradicional, à escassa possibilidade de atrair indústrias e ao despovoamento que há tempo aflige a Barca.

³ Foi figura importante para perceber o desenvolvimento das várias iniciativas referidas o anterior presidente da Câmara, em exercício entre 2005 e 2017. Foi António Vassalo de Abreu que deu garantias políticas e financeiras constantes á promoção da "cultura celta", uma das "apostas" — termo que usava com frequência — que julgava importantes para o desenvolvimento do concelho. Desde 2017, um novo presidente e uma nova vereação, de outro partido, mantiveram, em grande medida aquelas "apostas" (apesar das várias dificuldades, nomeadamente as impostas pela situação pandémica, em 2020 e vigente).

⁴ Um declínio demográfico muito expressivo e nunca interrompido desde os anos 50 do século passado, aliás, similar ao que se verifica na maior parte dos concelhos do interior do país nas últimas seis décadas.

CELTITUDE

Na Galiza, no fim dos anos 90, confrontei-me com manifestações variadas — muito notórias, antigas e complexamente estratificadas — de celtofilia, sobre as quais cheguei a reflectir, e a propor comparações por relação a Portugal (Medeiros, 2004). Hoje, a interpretação de casos como o galego é favorecida por três conceitos de que não dispunha em 2004 — "celticidade", "celtismo" e "celtitude" — que Michael Dietler entretanto cunhou (2006). Destes conceitos — indispensáveis agora — "celticidade" é o mais ajustado para pensar o sentido das iniciativas em torno da "cultura celta" avançadas em Ponte da Barca. Dietler define "celticidade" como "... fenómeno centrado à volta de uma conexão espiritual com a ideia de identidade celta" (2006: 238; tradução minha), uma referência boa para entender as iniciativas dos empreendedores culturais barquense que li e escutei desde 2012.

Com modéstia notória — em diversas intervenções orais e escritas — o anterior presidente da Câmara assinalou como as propostas de promoção da cultura celta tinham sido feitas em primeiro lugar por Fátima Lobo, a professora universitária já referida, trabalhos sobre as raízes celtas da cultura (ver Lobo, 2005). Este seu título, Terras da Nóbrega e Memória Social I, tem uma inspiração eclética, notória também noutras peças que escreveu a propósito de celtas. Disse-me a autora, em 2013, que tinha como referências importantes a teoria dos arquétipos de Carl Jung, mas também textos de José Leite de Vasconcelos ou de José Augusto Maia Marques. Os seus maiores empenhos, como deu conta, estariam sobretudo "valorização do património de Ponte da e pelo "amor à Barca" (entrevista não gravada, Braga, 12 de Junho de 2013; o "amor à Barca", aliás, foi-me referido como motivo de acção por outros protagonistas deste texto).

É grande a variedade das iniciativas celtófilas surgidas na Barca, já neste século Para além do Festival, e da paralela Feira Alternativa, a vila sedeia um Instituto de Estudos da Cultura Celta — instituído em 2009 — e já acolheu a maior parte das edições do Congresso Transfronteirico da Cultura Celta até agora realizadas, desde 2006. Esta é uma soma de iniciativas institucionais pouco comum em Portugal, onde o interesse pelos celtas — ao longo de 2 séculos — teve expressões muito parcas ou pouco duradouras (ao contrário da constância que tiveram na Galiza desde há mais de 200 anos; Medeiros, 2004; Castelo Branco, Moreno Fernández e Medeiros, 2022).

As iniciativas que refiro propõem novas possibilidades para representação da história e da cultura locais, mas também procuravam encontrar, mais prosaicamente, formas de vitalizar o turismo e a economia concelhia. São propostas fecundadas pela exposição a fluxos de cultura cosmopolitas, cuja apropriação na Barca, em várias vertentes, se fazia de forma aberta ao mundo. Mas também são significativas as intermediações de ordem nacional e regional (Medeiros, 2022). Também importantes são os entrocamentos com representações da cultura concelhia mais antigas e ainda estáveis muito marcadas por propostas feitas na segunda metade do século XX — entre dois regimes — pelo historiador barquense Avelino de Jesus Costa, já referido.

NÉVOAS ANTIGAS, LEMBRANCA

Cruza-se com a Barca uma outra minha memória, já bastante antiga. Não tem a ver com a vila e os seus empreendedores culturais — que só conheci tardiamente, a partir de 2012 — mas com um lugar no extremo do concelho (e do nosso país), e com névoas, por ali tantas vezes presentes. A meio dos anos 90, comecei a tentar encontrar na Galiza uma base para pesquisa, então, um amigo galego ofereceu-me uma casa por uma temporada na vila de Allariz (Ourense), para que pudesse preceber se lá queria fazer trabalho de campo. Para ir a Allariz, subi de automóvel o vale do Lima, desde a costa em direcção ao Lindoso e à Madalena, lugar onde existiu um antigo posto fronteiriço, em 1996 há pouco desactivado desactivado. Após passar a Barca e subir a serra, apareceram névoas mais densas depois do Lindoso, perto da fronteira, comecei a ver vultos de carros e de pessoas na beira estrada, que faziam uma feira pequena. Parei para ver.

Tinha poucas bancas e pouca variedade de produtos a feirinha na Madalena, mas algumas dezenas de pessoas pareciam entusiasmadas a mercar, no meio do nevoeiro, falando em português, galego, com algum espanhol à mistura. Nunca esqueci aquele encontro nas brumas da serra, que era uma boa metáfora dos temas que começava a ter interesse em estudar, entre Portugal e a Galiza. Eventualmente, couberam "celtas" nessas pesquisas, ou pelos menos notícias do papel muito diferente que a invocação desses povos remotos tem nas duas culturas nacionais (Medeiros, 2004).

A presença de celtas no noroeste da Península Ibérica é um tema que divide os arqueólogos, desde há muito. Dos dissídios entre estes especialistas — envolvidos pelo seu oficio com a materialidade das provas — existe uma bibliografia muito extensa, onde as diferenças de interpretação são fascinantes. Em Portugal, creio que este debate tem sido muito mais matizado e sereno nas últimas décadas — e também muito pouco participado — por não terem tido as posições celtistas relevo muito significativo para os arqueólogos académicos a trabalhar no noroeste do país. Algo muito diferente do acontece na Galiza e, de algum modo, também em Espanha, à escala do Estado⁵.

⁵ Cf., por exemplo a síntese proposta por Silva (1999), mas também os argumentos, contundentes, de Guerra (1999), este defendendo teses celtistas. Para o noroeste peninsular, no seu conjunto, pode ser conferido o apanhado muito extenso destes debates — pouco neutro, feito desde posições "anti-celtistas" militantes — proposto por Calo Lourido (2010), e também a leitura alternativa proposta por Castro Pérez (2010) — igualmente panorâmica, porém menos exhaustiva — que está feita a partir de posições antagónicas. Ver ainda Almagro-Gorbea (1992).

Agora, mais sugestivo que apurar certezas a partir dos debates de arqueológos, é notar como os "celtas" têm sido ou não reivindicados no contexto regional que abordo neste texto, no Minho, mas sobretudo na Barca e nos concelhos mais próximos. Encontramos diferenças marcadas de município para município, fascinantes para quem tenha interesse nas políticas da cultura e nas formas de imaginar o passado nelas envolvidas.

INSIDER

Desdobrei a pesquisa que comecei a fazer a propósito do Festival Folk Celta, em 2012 com incursões complementares nos concelhos circunvizinhos, por exemplo, em Ponte de Lima — e em Braga, nos Arcos de Valdevez, Esposende, ou Viana do Castelo. Queria pesquisar um pouco mais a propósito de celtas e de iniciativas celtófilas para perceber qual era a singularidade relativa do que estavam a fazer na Barca. Nestas voltas, nalguma ocasião encontrei antigos colegas de liceu e velhos amigos, a quem dizia que estava de regresso para ver "o que os da Barca andam a fazer com os celtas". Pressuposta nesta descrição irónica das minhas pesquisas, estava uma dimensão de "intimidade cultural" — Herzfeld, 1997 — com o interlocutor de circunstância, mas também com "os da Barca". Partilhávamos todos uma cultura nacional, mas também a mesma cultura regional sobretudo esta referenciava o entendimento das ironias benignas que das conversas. Nomeadamente, estava implícito o reconhecimento da importância dos municípios e das suas elites na proposta de objectificações da cultura à escala local, que podiam ser bastante diferenciadas, na medida das "apostas" feitas e da sagacidade do aproveitamento dos recursos que o processo de "europeização" — Borneman & Fowler, 1997 — tem propiciado.

À partida desta pesquisa, não conhecia pessoalmente nenhum dos interlocutores que encontrei em Ponte da Barca, mas tinha crescido noutro concelho do Alto-Minho, muito próximo, e, ao fazer trabalho de campo na Barca podia considerar-me antropólogo "insider" ou "nativo" (Narayan, 1993). Partilhava de uma mesma cultura nacional e uma escolarização prolongada, me fazia culturalmente "íntimo" (Herzfeld, op. cit.) dos empreendedores culturais que encontrei. De facto, partilhava também a regional, o que trazia medidas suplementares da dita intimidade, e, às vezes, "dilemas" ao desdobramento de discurso etnográfico (Fernandez, 1994).

UM ENCONTRO

Em 2012, procurei saber a história da designação "antigo Campo da Nucha", que então ainda aparecia nos anúncios dos concertos de música celta. Intrigado, cheguei a pensar que "Nucha" pudesse ser um epónimo de origem remota, ligado a alguma lenda, tanto que não são raras no Minho lendas protagonizadas por mulheres. Depressa cheguei a saber que era o diminutivo de uma proprietária das vizinhanças, cujo "campo" o município há pouco adquirira e já começara a urbanizar.

Foi à entrada do "antigo Campo da Nucha" que, em 2013, ouvi falar do doutor Jaime Ferreri pela primeira vez, quando me passaram o seu número de telemóvel, dizendo só ele seria capaz de responder às perguntas que eu fazia. Ouvi, porém, "doutor Ferrari" e foi assim que anotei. Quando o contactei, tartamudeei, porque não tinha certeza se "Ferrari" era apelido ou alcunha, desde logo, por outro lado estava curioso de ver como um nome tão flamante se ajustava a um erudito das "coisas" da Barca. Quando nos encontramos, lembrei-me logo de um texto antropológico meu favorito: tinha encontrado um "intérprete" — da história e da cultura locais.

Ainda que o doutor Ferreri seja um empreendedor cultural, como sugeri no início, é difícil tomá-lo como um intelectual "orgânico" — Gramsci, 2000 — envolvido na promoção da cultura municipal. Este professor de matemática já jubilado — mas também encenador, mestre em antropologia, homem versado em genealogias, ficcionista e poeta, dirigente associativo, e "apaixonado dos celtas há muito", como me disse — tinha muito de intelectual "tradicional" (Gramsci, ibidem). As suas leituras permitiam que fosse protagonistas da proposta de representações novas marcadas pela celtitude do passado local, que também podia servir com sua imaginação de encenador experimentado.

BRIGA

Em 2014, no "antigo campo da Nucha", estavam prontos os arranjos e o recinto recebeu um novo nome oficial: "Praça das Terras da Nóbrega". Bastante mais tarde, no início de Agosto em 2017, quando quis saber de algum pormenor adicional envolvido na oficialização daquele nome, perguntei ao doutor Ferreri se me podia ajudar. Respondeu-me com um SMS, onde escreveu "Praça das Terras da Anóbriga" em vez de "Praça das Terras da Nóbrega". Era curiosa aquela torção, e percebi-o como uma citação e também um sublinhado curioso — militante — das suas posições celtófilas. A inserção de "Anóbriga" actualizava um argumento antigo e bem conhecido na literatura especializada — e já há muito tempo popular, de facto — que mantém que são de origem "celta" os nomes terminados em "briga".

No final dos anos 90, tinha feito na Galiza muitas leituras a propósito de celtas e por essa via conhecia bem a popularidade duradoura daquele tipo de especulações filológicas, cuja bondade que até hoje se debate (Silva & Coutinhas, 2013). Sou incapaz de julgar a propósito de filologia, mas em 2014 já tinha lido um texto datado de 1980 do doutor Avelino de Jesus Costa — "Património Cultural do Concelho da Barca" —, onde o historiador anotava, muito de passagem, o seguinte:

> "Sendo a terminação em briga de origem céltica, o topónimo Nóbrega (Agnobraga ou Annofrica) prova que os celtas por aqui estiveram na proto-história. Grovelas recorda, por sua vez a tribo dos Gróvios" (Costa, 2009: 141 e segs).

Os nomes que acabam em "briga" não abundam no concelho e também persiste o prestígio local do doutor Avelino, por isso, são sobretudo as menções a "Nóbrega e a "Grovelas" que se reiteram na hora de se falar de celtas. Por exemplo, servem para justificar as iniciativas celtófilas, hoje profusas, que oferecem uma variedade de recursos de circulação cosmopolita — músicas, imagens, bens de consumo — que vão abrindo possibilidades para se imaginar a cultura e o passado celtas da Barca, de formas mais acessíveis e democráticas que aquelas que as especulações filológicas ofereciam.

Noutro texto importante — datado de 1975, "Terras da Nóbrega" — referia os celtas o doutor Avelino, outra vez de forma muito cursiva, mas curiosa, dizendo:

> "Antes dos Romanos, habitaram o vale do Lima, a Poente os Gróvios, originários dos Celtas; a oriente os Límicos, e, ao centro os Luencos" (Costa, 2009: 176).

Esta frase deixa em aberto muitas possibilidades de interpretação, sobretudo quando parecem ser muito esquivas as referências ao "luencos" hoje feitas, qualquer que seja o registo, bastante mais escassas do que as que vão recebendo "límicos" e "gróvios", que tão pouco são abundantes. Sabemos como são caprichosas as possibilidades abertas à hermenêutica pelos textos clássicos, e como as birras de eruditos se podem eternizar a propósitos dos povos antigos, das suas aparições e das suas geografias (ver Juaristi, 2000). Mas há "saltos de tigre" para fazer no passado (Benjamin 1993), possibilidades de resgate em aberto, à medida da imaginação dos empreendedores culturais.

OUTROS ENCONTROS

Em certa ocasião, numa esplanada em Ponte de Lima, o doutor Jaime Ferreri disse--me que "o doutor Avelino" nunca teria publicitado muito as origens celtas da Barca "por medo dos romanistas". A conversa não avançou nesse sentido, e fiquei sem saber como foi intimado o historiador. De qualquer modo, mencionadas assim, pareciam coisas um pouco sinistras, quer tivessem acontecido entre académicos, quer nos debates mais locais, onde, aliás, o doutor Avelino intervinha com assiduidade e contundência (Costa, 2009).

Interessado nos usos da história, a nota dramática do doutor Ferreri ajudava-me a pensar que, ainda hoje vingam réplicas de antigos despiques de "romanistas" e "celtistas" no Minho; aliás, com consequências materiais eram mais proeminentes do que nunca, porque ali — como no resto do país — as propostas de objectificação da cultura feitas pelos municípios agora são feitas com uma abundância de recursos inédita ainda há poucas décadas. Nelas desaguam pessoas, ideias, bens e recursos novos, que são parte — na sua maior medida — do processo de europeização. Pode comentar-se que os "romanistas" ainda levarão a melhor aos "celtistas", se tivermos em conta como surgem muito isoladas as iniciativas celtófilas da Barca no seu âmbito regional.

Em Viana do Castelo — a poente, onde os celtas gróvios teriam assistido, segundo o doutor Avelino — um dirigente associativo veterano da mais representativa associação cultural do distrito disse-me em 2014: "Em Viana o celtismo não mexe" e acrescentou, mais adiante, "No Centro Cultural (do Alto Minho) nunca entrou o celtismo" (entrevista de 13/06/2014 com José Escaleira). Em Esposende, também no litoral e terra de gróvios ainda (Vasconcelos, 1909), os "celtas" não recebem referências na publicidade de uma iniciativa lúdica de recriação histórica de grande sucesso, a Galaicofolia, montada desde há pouco no Castro de Lourenço. Tinha subido ao Castro de Lourenço pela primeira vez há muitos anos, talvez em 1992, levado pelo falecido Manuel Cruz Azevedo, outro grande "intérprete" da cultura que conheci, ainda que tivesse muito menos estudos que o doutor Ferreri (Medeiros, 2018).

No topo do Castro o senhor Manuel falou-me de "mouros", com certa timidez e curiosidade, a tentar perceber o que é eu pensava deles (Pina Cabral, 1987). Aliás, já o fizera ao falar de uma espada "muito antiga", que fora encontrada numa bouça dos seus pais quando era criança, pelos anos 1930, e que lá trouxera uma excursão alvoroçada de "doutores". Tenho a certeza não me falou de celtas nem de gróvios, que tão pouco refere a publicidade á *Galaicofolia*. Nesta, surgem referidos "calaicos" — que podem ser celtas, mas debate-se muito, como sabemos (Calo Lourido, 2010) — e "castrejos"; há também. há abundantes referências a "romanos" (mas nenhuma a mouros, aparentemente). Sobretudo os motivos "romanistas" parecem deleitar os frequentadores da Galaicofolia,

em cujos bastidores entrei, em 2017, na companhia de um filho — homónimo do senhor Manuel. Tinha-lhe telefonado para saber se havia rastos recentes de celtas por Esposende, disse-me que não sabia, mas convidou-me a ir ver o recinto da Galaicofolia, e parecia entusiasmado com a nova festa "castreja".

Em Ponte de Lima, da esplanada onde conversava com o doutro Ferreri, via uma figura equestre ao longe, assente no outro lado do Lima, na margem norte. Representa Décio Júnio Bruto, o chefe dos conquistadores romanos, a chamar os seus soldados crédulos, ainda na margem sul, convencendo-os que não estavam no limiar dos Campos Elísios e que podiam atravessar o rio sem esquecer a sua pátria. A propósito das representações do passado remoto de Ponte de Lima, revi os títulos do arqueólogo padre Manuel Gomes Dias (1933-2015), — lembrando como reverenciava o "padre Dias" um meu colega limiano mais estudioso — e não encontrei lá menções de celtas. Mas encontrei, por contraprtida, representações de guerreiros "límicos" — manequins muito bem equipados, aprumados e altíssimos — na cave de um Centro de Interpretação História Militar ainda recente, onde a história marcial de Ponte se começa a contar de forma ascendente em vários andares.

Há pouco ainda, noutra esplanada, desta vez na Barca, cheguei a comentar com o doutor Ferreri o que "os de Ponte" encenavam no Centro de Interpretação. Disse-me, com algum desdém, que os "límicos" tinham vivido nas nascentes do Lima, para montante da Barca e muito longe de Ponte de Lima. Eu sabia, outra vez, que o meu amigo citava o doutor Avelino, de que é o emulo actual na representação do passado da sua terra, que imagina de forma mais democrática e lúdica; mais ajustada ao nosso tempo.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-GORBEA, Martín & RODRÍGUEZ ZAPATERO, Gonzalo (eds.) (1993). Los Celtas: Hispania y Europa. Madrid, Editorial Actas.

BENJAMIN, Walter (1993). Illuminations. Londres: Verso.

BORNEMAN, John & FOWLER, Nick (1997). "Europeanization". Annual Review of Anthropology, 26: 487-514.

BOYER, Dominic & LOMNITZ, C. (2005). "Nationalism: Anthropological Engagements". Annual Review of Anthropology, 35: 105-20.

CASTELO-BRANCO, Salwa; MORENO FERNÁNDEZ, Susana & MEDEIROS, António (eds.) (2022). Outros Celtas. Celtismo, Modernidade e Música Global em Portugal e Espanha. Lisboa: Tinta da China.

CALO LOURIDO, Francisco (2010). Os Celtas. Unha (re) visión dende Galicia. Vigo: Xerais.

CASTRO PÉREZ, L. (2010). "Veinte Años de Investigaciones sobre la Cultura Castrexa" (1988-2008)". Minius, 18: 9-36.

CLIFFORD, James (1997). Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century. Cambridge--MASS: Harvard University Press.

COSTA, Avelino de Jesus da (2009). Cónego Avelino de Jesus da Costa na Imprensa Barquense. Ponte da Barca: Município de Ponte da Barca.

DE VOLDERE, Isabelle et al. (2017). Mapping the Creative Value Chains. A Study on the Economy of Culture in the Digital Age. Final Report. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.

DIETLER, Michael (2006). "Celticism, Celtitude, and Celticity: The consumption of the past in the age of globalization". Em Celtes et Gaulois dans l'histoire, l'historiographie et l'idéologie moderne – Actes de la table ronde de Leipzig, 16-17 juin 2005, ed. S. Rieckhoff, 237-248. Glux-en-Glenne: Bibracte, Centre Archéologique Européen (Bibracte 12/1).

ERIKSEN, Thomas H. (2003). "Creolization and Creativity". Global Networks 3 (3): 223-237.

FERNANDEZ, James W. (1994). "The Dilemmas of Provincial Culture and the Framing of Anthropological Inquiry". Em Antropología sin Fronteras. Ensayos en Honor a Carmelo Lisón, ed. Ricardo San Martin, 71-91. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

FERNANDEZ, James (2000). "Celtismo y prototipismo (acercamientos antropológicos)". Moenia, 6: 449-460.

GRAMSCI, Antonio (2000). The Antonio Gramsci Reader: Selected Writings 1916-1935. Edição de David Forgacs. Nova Iorque: New York University Press.

GUERRA, Amílcar (1999). "F. Martins Sarmento e a Questão do Celtismo". Revista de Guimarães, volume especial, I: 179-192.

HERZFELD, Michael (1997). Cultural Intimacy. Londres e Nova Iorque: Routledge.

JUARISTI, Jon (2000). El Bosque Imaginario. Genealogias Míticas de los Pueblos de España. Madrid: Taurus.

LOBO, Fátima (2005). Terras da Nóbrega e Memória Social I. Ponte da Barca: Câmara Municipal.

LOMNITZ, Claudio (2016). La Nación Desdibujada. México en trece ensayos. México: Malpaso.

MEDEIROS, A. (2004). "Rastros de Celtas y Lusitanos, creencias etnogenealógicas, consumos e identidades en Portugal y Galicia". Política y Sociedad, 41 (3): 151-166.

MEDEIROS, António (2018). "A Few Lost Boxes on the Highway: On the move with friendship death and national cultures". HAVICK, Philip; MAPRIL, José & SARAIVA, Clara (eds.). Death on the Move, Managing Narratives, Silences and constraints, in a trans-national perspective. Cambridge: Cambridge Scholars Publishers.

MEDEIROS, António (2022). "Celtas" no Campo da Nucha — uma aproximação etnográfica (2012-2017)". CASTELO-BRANCO, Salwa; MORENO FERNÁNDEZ, Susana & MEDEIROS, António (eds.). Outros Celtas. Celtismo, Modernidade e Música Global em Portugal e Espanha. Lisboa: Tinta da China: 281-307.

NARAYAN, Kirin (1993). "How Native is a Native Anthropologist?". American Anthropologist, 93 (3): 671-686.

PINA CABRAL João (1987). "Paved Roads and Enchanted Mooresses: The Perception of the Past Among the Peasant Population of the Alto Minho". Man, New Series, vol. 22, n.º 4 (Dec. 1987): 715-735.

PRATT, Mary Louise. 1991. "Arts of the Contact Zone". *Profession*: 33-40.

SILVA, Armando Coelho F. da (1999). "A Cultura Castreja do Norte de Portugal". Revista de Guimarães, (Volume Especial) I: 11-132.

SILVA, Armando Coelho F. da & COUTINHAS, J. M. (2013). "Referências etnonímicas e modelos de ocupação do território castrejo". Actas do IV Congresso Transfronteiriço da Cultura Celta, 27-35. Ponte da Barca: Município de Ponte da Barca.

TURNER, Victor (1967). The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu ritual. Ithaca, Londres: Cornell University Press.

VASCONCELOS, José Leite de (1909). "Notas a Respeito dos Grovios e dos Célticos". O Archeologo Português, XIV: 131-132.

YÚDICE, George (2003). The Expediency of Culture. Uses of Culture in the Global Era. Durham e Londres: Duke University Press.